



## CONJUNTURA

### O tempo das crianças

A alocação do tempo das crianças determina a performance de longo prazo da nossa economia. Se as crianças hoje freqüentam a escola ou se trabalham, antecedem as condições sociais brasileiras de algumas décadas. Pesquisas com crianças entre 10 e 15 anos nas metrópoles, cobertas pela PME/IBGE nos últimos 20 anos, revela que 6.9% não freqüentavam os bancos escolares enquanto 8.3% trabalhavam. A proximidade desses números parece sugerir que a criança trabalha, logo não freqüenta a escola. Entretanto, dois terços das crianças que trabalham também freqüentam a escola. A principal consequência do trabalho infantil não é a evasão, mas a repetência escolar – 61.4% das crianças estavam pelo menos um ano atrasadas. A cada ano adicional de estudo os salários aumentam, em média, 16%. Retorno auferido para toda a vida ativa. É difícil imaginar investimento mais lucrativo do que passar de ano. Se o retorno da escolaridade é tão alto, por que o estado deve intervir no tempo das crianças?

1) **Retornos crescentes** – até quatro anos completos de estudo o ganho de renda é de 8% ao ano. Ao passo que quando a escolaridade passa de 11 para 15 anos de estudo o retorno corresponde a cerca de 21% ao ano. Existe uma armadilha de pobreza, na qual, para obter retornos mais altos, o indivíduo tem de investir antes, mediante baixos retornos.

2) **Externalidades** – o retorno social da educação é superior ao retorno privado. Ricardo P.B. mostra que um dos principais determinantes do desempenho escolar é a educação média das mães da comunidade. O tipo de falha de mercado deve nortear a natureza da intervenção pública.